

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO  
SUSTENTÁVEL - IPADES**

**RACHEL CARSON E A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA**

***Francisco Barbosa***

Sócio Presidente - IPADES

Para o movimento ambientalista o ano de 2012 marcou um cinquentenário importante. Trata-se da publicação do livro *Silent Spring (Primavera Silenciosa)*, de Rachel Louise Carson (1907-1964). Esse livro causou tanta repercussão na década de 1960 que é até hoje considerado um dos marcos fundadores do movimento ambientalista internacional. Foi originalmente publicado pela revista *The New Yorker*, em partes, entre junho e julho de 1962. Em setembro do mesmo ano, foi lançado o livro.

A força dos argumentos e dos fatos que ela relatava no texto sobre o uso de agrotóxicos e seu efeito sobre o ambiente e as pessoas foi tão grande que o livro virou um *best seller* instantâneo. Usando uma linguagem que mesclava pesquisa rigorosa com habilidade literária, para aproximar o conhecimento científico do público leigo, *Primavera silenciosa* teve impacto instantâneo, ficou mais de dois anos nas listas dos livros mais vendidos e logo repercutiu mundialmente. O livro fez o primeiro alerta mundial sobre os efeitos nocivos do uso de agrotóxicos e questionou os rumos da relação entre o homem e a natureza.

Em suas páginas, Carson denunciou vários efeitos negativos do uso do DDT em plantações e em campanhas de prevenção de doenças. As aplicações não matavam apenas as pragas (insetos, ervas daninhas, fungos etc.) às quais se dirigia, mas também muitas outras espécies, inclusive predadores naturais dessas pragas. Esse pesticida, ela mostrou, atinge todo o ecossistema – solo, águas, fauna e flora – e entra na cadeia alimentar, chegando aos humanos.

Enquanto a população enviava inúmeras cartas de apoio a Carson, os fabricantes de pesticidas se uniram para desacreditar a autora e seus colaboradores. Cientistas comprometidos com a produção de agrotóxicos publicaram artigos questionando a legitimidade do livro porque a autora, bióloga marinha, não tinha doutorado (era mestre em

zoologia), e outros a atacaram com argumentos preconceituosos, chamando-a de “freira da natureza”, “solteirona”, “feiticeira”, insinuando que deveria se calar apenas pelo fato de ser uma mulher.

Essa extraordinária mulher enfrentou em 1935, preconceitos vigentes na época contra mulheres no ambiente da pesquisa científica, e o único emprego que conseguiu foi de roteirista em programas de rádio sobre o oceano, produzidos pelo departamento do governo federal dedicado ao estudo de florestas e mares. Mas, desde jovem ela se envolveu com a divulgação da ciência, a causa a que mais se dedicou na vida. Rachel Carson dedicou tempo quase integral a partir de 1958 à pesquisa e redação do que se tornaria o seu maior legado à sociedade.

Mas Carson já se interessava pelo tema dos pesticidas desde 1945, quando biólogos norte-americanos começaram a estudar os efeitos do dicloro-difenil-tricloroetano (o inseticida DDT) no ambiente. É provável que um problema pessoal de saúde, ela faleceu em decorrência de um câncer de mama, a tenha inclinado com mais força para a pesquisa que se dedicou e que se transformou no livro. Ela entrevistou centenas de colegas cientistas, funcionários de órgãos públicos ligados à agricultura, médicos que estudavam a relação entre câncer e exposição de pessoas a defensivos agrícolas. Desse modo, realizou um amplo levantamento do uso de pesticidas e suas possíveis consequências para a saúde humana e a qualidade do ambiente.

O DDT foi sintetizado em 1874, na Alemanha, mas suas propriedades inseticidas só foram descobertas em 1939 pelo químico suíço Paul Hermann Müller (1899-1965). Como o composto foi empregado inicialmente, com sucesso, no combate a insetos (piolhos, mosquitos e outros) transmissores de doenças (tifo, malária, febre amarela e outras), a descoberta foi apontada como um feito revolucionário e deu a Müller, em 1948, o prêmio Nobel de Medicina.

Após a Segunda Guerra Mundial, o DDT começou a ser usado no combate aos insetos que atacavam as culturas agrícolas, mas em pouco mais de uma década começaram a ser noticiados episódios de contaminação da água e do solo e de morte de animais.

Em 1958, Carson recebeu carta de uma amiga, a jornalista Olga Huckins (1900-1968), contando sobre pássaros mortos em seu quintal, devido a pulverizações aéreas de DDT. Essa foi a ‘gota d’água’ para a decisão de escrever *Primavera silenciosa*. À medida que investigava e obtinha informações sobre os pesticidas, Carson percebia a gravidade do problema e, ao mesmo tempo, a urgência de denunciá-lo ao mundo.

Ela sabia que o tema era polêmico e poderia provocar reação negativa dos fabricantes de pesticidas. Para precaver-se das acusações, pesquisou muito. Entrou em contato com cientistas de diferentes países, formando uma rede de colaboradores.

O DDT foi banido de vários países, a começar por Hungria (1968), Noruega e Suécia (1970) e Alemanha e Estados Unidos (1972). Hoje, a Convenção de Estocolmo sobre Poluentes Orgânicos Persistentes, assinada por cerca de 180 países, restringe o uso do composto a casos especiais de controle de vetores de doenças. No Brasil, a fabricação, importação, exportação, manutenção em estoque, comercialização e uso do DDT só foram proibidos em 2009.

Já havia pessoas preocupadas com a devastação da natureza bem antes de *Primavera silenciosa*, mas o movimento ecologista de caráter político certamente foi impulsionado pela publicação do livro. Ao criticar o uso dos agrotóxicos, Carson tratava um tema fundamental, a relação do homem com a natureza. Em trechos do livro, ela perguntava: “O valor supremo é um mundo sem insetos, mesmo que seja um mundo estéril?” (...) “Como podem seres inteligentes procurar controlar umas poucas espécies indesejáveis por meio de um método que contaminou todo o ambiente e trouxe o risco de doenças e até mortes à sua própria espécie?”

Mesmo passados 50 anos, o livro de Rachel Carson permanece extremamente relevante. No contexto recente, em que o Brasil carrega o assustador título de maior consumidor de agrotóxicos do mundo, *Primavera silenciosa* é atual e necessário. As palavras dessa pesquisadora e escritora podem nos ajudar a repensar nossos valores. Afinal, vale muito mais a pena ter primaveras bem barulhentas, nas quais possam ser ouvidos tanto os sons das pessoas quanto os sons da natureza.

O título do livro é uma alusão a uma primavera futura, em que, caso não se mudasse o controle de pragas agrícolas, pássaros e animais silvestres teriam desaparecido do ambiente, devastados pelos venenos contra essas pragas.

É verdade que o alerta ambiental é importante e deve ser uma preocupação universal. Contudo, a relação da humanidade com a natureza não tem como ser evitada. Assim, o conhecimento e o planejamento de ações envolvendo essas relações deve ser prioridade. As práticas agropecuárias não podem mais ser meramente empíricas. O uso de defensivos agrícolas devem seguir critérios de clínica médica, ou seja, desde o receituário agrônomo, no Brasil, instituído por Lei Federal 7.802 de 1989, até o acompanhamento da aplicação por um engenheiro agrônomo. Esse profissional tem na sua grade de disciplinas, um total de 16, entre as obrigatórias e eletivas, que tratam das relações da produção

agropecuária e o meio ambiente, do conhecimento das pragas das lavouras, das plantas “invasoras” e do uso desses insumos nos cultivos. Desse modo, é inconcebível que o uso desses insumos possam continuar sendo aplicados sem o acompanhamento desse profissional.

*Primavera Silenciosa* continuará sendo um marco para a consciência ambiental da humanidade, conduzindo-a a conhecer, entender, proteger e utilizar a natureza em favor do desenvolvimento sustentável. É fundamental que mais pessoas conheçam esse legado de Rachel Carson.